

Fim da recessão para 2013 anunciada por Passos é “profissão de fé”

É um erro uma *rentrée* política em meados de Agosto, a duas semanas do exame da *troika*? O Pontal é um acto de uma liturgia passada? Quem discursou? O primeiro-ministro ou o presidente do PSD?

Festa do Pontal Nuno Ribeiro

Na noite de terça-feira, na Festa do Pontal, Pedro Passos Coelho afirmou que “2013 será o ano da estabilização económica e da preparação da recuperação”. Bagão Félix, Manuel Carvalho da Silva e António Capucho analisam, para o PÚBLICO, a intervenção do primeiro-ministro e líder do PSD. O anúncio da retoma, ao virar da última página do calendário de 2012, é considerado como “uma profissão de fé”.

“Disse que estão criadas as condições para o fim da recessão, mas há condicionalismos que não controla”, considera Bagão Félix. O antigo ministro das Finanças de Santana Lopes, concretiza: “Infelizmente estamos numa situação de subsoberania, temos que esperar pela vontade dos que evitaram a nossa bancarrota”. A *troika* que, dentro de duas semanas, fará um novo exame ao Portugal. “O fim da recessão em 2013 é uma profissão de fé”, sintetiza António Capucho, ex-conselheiro de Estado.

Aliás, se a previsão oficial do Governo para o próximo ano é de um crescimento de 0,6%, já o Boletim Económico de Verão do Banco de Portugal prevê uma estagnação. Menos benévolo são os cálculos da OCDE e do Núcleo de Estudos de Conjuntura sobre a Economia Portuguesa da Universidade Católica: avançam com uma contracção da economia de 0,9%.

Manuel Carvalho da Silva não vê motivos para optimismo. Junta outros dados que não permitem antever bonança económica: queda do PIB em 3,3 por cento, a segunda maior da União Europeia (UE); 15 por cento de taxa de desemprego no segundo trimestre, a mais alta de sempre. “Passos Coelho disse que o aumento do desemprego é uma surpresa, quando se trata de um elemento estruturante das políticas seguidas, e passou ao lado dos desafios e condicionantes da UE que marcam o nosso país”, critica o investigador do Centro de Estudos Sociais. Por outro lado, um crescimento dependente das exportações não está ao abrigo da recessão da zona euro e da contracção da economia espanhola, principal cliente



No palco do Aquashow da Quarteira, Passos Coelho prometeu recuperação e momentos duros

“Aquilo não passa de uma festa de militantes, a *rentrée* não pode ser em meados de Agosto, mas sim no Outono com a discussão do Orçamento de Estado”

António Capucho



de Portugal. A estas condicionantes, o antigo secretário-geral da CGTP junta um episódio revelador de novos comportamentos: “Nas exportações começa a ter peso a saída de ouro, os portugueses estão a vender os anéis mas têm o dedo e o corpo inteiro comprometidos”. Carvalho da Silva afirma que a intervenção do primeiro-ministro sintetiza uma política de desastre. “A afirmação de que o mais importante já foi conseguido não tem sustentação de verdade, o défice está descarrilhado e a dívida, não esquecendo os juros, está a aumentar”, refere.

Bagão Félix tem outra visão. Destaca, como positiva, uma frase de Passos: “Gostei quando disse ‘as más notícias sou eu que as dou’, o que contrasta com o anterior primeiro-ministro”. Também se congratula com a garantia

do não regresso ao regabofe: “A crise não é cíclica, é estrutural, não se pode voltar ao modelo antigo”, Daí que sublinhe a necessidade de reformas estruturais interligadas: “Este ano é decisivo, deixa de haver alibis”.

António Capucho contextualiza a Festa do Pontal. A começar pela data, durante o primeiro ano de vigência do programa de assistência financeira. “Agora não pode ter ideias sobre as conversas com a *troika*”, acentua Capucho. Só no final do mês, após reunião com os credores, haverá novidades.

Um facto que põe em causa o desenho da iniciativa do PSD-Algarve. “É um elemento de uma liturgia que já está gasta”, afirma Bagão Félix: “Bem sei que é o presidente do PSD que está a falar, por isso não foi concreto nalguns aspectos porque não

era o primeiro-ministro quem discursava”. Esta fronteira é ténue. “Não fiquei desiludido porque não estava à espera de nada de novo”, admite António Capucho. “Foi um discurso inapropriado para a festa em causa, muito disperso”, prossegue. Para o antigo membro do Conselho de Estado o pecado original reside em considerar o Pontal como a *rentrée* do PSD: “Aquilo não passa de uma festa de militantes, a *rentrée* não pode ser em meados de Agosto, mas sim no Outono com a discussão do Orçamento de Estado”.

À margem deste debate, Manuel Carvalho da Silva não deixa de sublinhar alguns aspectos. O anúncio “de mais austeridade, e a ideia de que não haverá regresso a políticas de desenvolvimento”. “E, por último, a tentativa de negar a existência de uma alternativa”, conclui.